

Ecos de Memória: repressão, resistência e experiências homossexuais nas Umaps (2007 – 2024)

Amanda Aparecida Gomes Rodrigues

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde desenvolve pesquisa sobre a homossexualidade em Cuba. É mestre em História, na área de História, Cultura e Poder, com interesse nas seguintes temáticas: memória, gênero, identidades, Revolução Cubana, UMAPs, poder e repressão na América Latina.

E-mail: amandagomes324@gmail.com

Ecos de Memória: repressão, resistência e experiências homossexuais nas Umaps (2007 – 2024)**Echoes of Memory: Repression, Resistance, and Homosexual Experiences in UMAPS (2007 – 2024)**

Amanda Aparecida Gomes Rodrigues

RESUMO

Na década de 1960 instituíram-se em Cuba as Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps). Oficialmente, elas eram centros de trabalho agrícola cujo objetivo consistia em recrutar jovens considerados incapacitados para o serviço militar. No entanto, durante o seu período de vigência surgiram denúncias de que estariam funcionando como prisões para os sexualmente “desviados”, grupos religiosos, hippies e para presos políticos. Levando isso em conta, este artigo busca analisar testemunhos de ex-umapianos, entre 2007 e 2020, acerca das experiências dos homossexuais e contrarrevolucionários que foram confinados nas Umaps e sofreram com a repressão praticada pelo governo cubano implantado em 1959. Para tanto, procuraremos dar ênfase às batalhas de memórias em meio às disputas políticas em curso, tentando averiguar simultaneamente os interesses que impulsionam a ação dos ex- umapianos e sua ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Umaps, Homossexualidade, repressão, resistência, poder.

ABSTRACT

In the 1960s, the Military Units to Aid Production (UMAPs) were established in Cuba. Officially, they were agricultural labor centers aimed at recruiting young people deemed unfit for military service. However, during their period of operation, allegations arose that they were functioning as prisons for the sexually “deviant,” religious groups, hippies, and political prisoners. Considering this, this article seeks to analyze the testimonies of former UMAP detainees, between 2007 and 2020, regarding the experiences of homosexuals and counter-revolutionaries who were confined in the UMAPs and suffered repression under the Cuban government established in 1959. To this end, we will emphasize the battles of memory amidst ongoing political disputes, simultaneously attempting to investigate the interests driving the actions of former UMAP detainees and their ideology.

KEY WORDS: Umaps, homosexuality, repression; resistance, power.

INTRODUÇÃO

Em 2007, com a emergência de uma blogosfera cubana autoqualificada independente, surgiram alguns testemunhos sobre as Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps) vinculado a blogs, nos quais ex-internos dessas unidades ou que tiveram acesso a relatos acerca das experiências ali vividas – seja na condição de amigos ou familiares – expõem suas narrativas. Ao publicar suas vivências eles buscaram apontar os culpados, além de procurar criar entre ex-umapianos um sentimento de comunidade, conferindo sentido às suas memórias. Através dos testemunhos é possível notar uma indignação pulsante diante do regime revolucionário, e uma vontade de que os líderes da Revolução, em particular os irmãos Fidel e Raúl Castro, assumissem a culpa pela implantação das Umaps.

Historicamente, esses sujeitos foram, por muito tempo, reduzidos à condição de “sem voz”, quando não à de tolerantes ante todo tipo de tratamento recebido no interior das Umaps. Entretanto, o intuito deste trabalho será entender os relatos dessas pessoas por outro prisma, objetivando encarar os ex-umapianos para além de vítimas indefesas de um poder estatal supostamente totalitário. Na esteira disso, compreendemos o poder como algo que permeia todas as relações dentro e fora das Umaps, e não como algo pretensamente vertical, que operaria de cima para baixo. Trata-se de perceber que, mesmo em meio à repressão sexual da época, a comunidade LGBTQIA+ em Cuba dispunha de certo protagonismo político, o que não deixou de influenciar as transformações recentes das políticas públicas cubanas em relação a ela.

Em síntese, exploraremos aqui os relatos da repressão exercida pelo governo revolucionário, os atos de resistência a essas arbitrariedades, bem como as experiências, não só de internos das Umaps, mas também dos chamados jefes, que comandavam essas unidades, para captarmos melhor os embates de memória que cercam essa parte da história cubana.

2007: O RESSURGIR DE MEMÓRIAS

Em 1984, surgiu o documentário *Conducta impropria (Mauvaise conduite, 1984)* que visava, em suma, discutir a problemática dos direitos humanos e perseguições em Cuba, partindo de entrevistas com ex-internos das Umaps, intelectuais e indivíduos que sofreram com as práticas repressivas exercidas pelo governo revolucionário. Nesse filme, produzido

por companhias francesas e dirigido pelos cineastas cubanos Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal, a narrativa se apoia em depoimentos que contam com imagens de arquivos para complementá-las, situando-as historicamente e contrapondo-se ao discurso oficial que se tinha sobre as Umeps.

Conducta impropia foi o primeiro veículo midiático não oficial a trazer relatos de indivíduos que passaram pelas Umeps. No momento de sua estreia, agitou as águas dentro da esquerda internacional e influenciou a visão de diversos intelectuais sobre a ilha caribenha (SIERRA MADERO, 2022). Abel Sierra destaca que

Esas historias pasaron a formar parte de un relato anticomunista al que supuestamente los exiliados tenían que acudir para poder sobrevivir fuera de Cuba. Al menos eso pensaba Ambrosio Fornet, uno de los intelectuales más reconocidos en la isla, cuando en 1984 fue entrevistado por Gay Community News. Aunque reconoció que las Umeps fueron una suerte de “academia para producir machos”, Fornet criticó las visiones que sobre la represión ofrecieron escritores y artistas cubanos exiliados en el documental Conducta impropia (1984), de Néstor Almendros y Orlando Jiménez Leal. De acuerdo con Fornet, la mayoría de los testigos que aparecieron en el filme mintió sobre las Umeps y los escritores estaban diciendo “lo que deben decir porque están viviendo del anticomunismo”. “La idea de un Estado policial represivo que persigue personas es totalmente absurda y estúpida”, agregó. (SIERRA MADERO, 2016).

Avançando no tempo, após o documentário, os testemunhos relacionados às Umeps voltaram à baila em 2007, quando emergiram, através da web, novos relatos de ex-internos ou de seus familiares. Com isso, devemos nos perguntar por que tais memórias se disseminaram vinte e três anos após o lançamento de *Conducta impropia* e quarenta e dois anos depois do surgimento delas. O que se passava em Cuba nas discussões sobre sexualidade e orientação sexual, que fez com que essas rememorações viessem à tona novamente?

Um dos incômodos relatados pelos ex-internos homossexuais guarda relação direta com a situação de Mariela Castro Espín, filha de Raúl Castro e Vilma Espín, diretora do maior órgão oficial de defesa dos diretos LGBTQIA+ em Cuba, o Cenesex. Mesmo ocupando tal cargo, ela se posiciona sempre em defesa do tio e do pai no que concerne às Umeps. Dessa forma, torna-se alvo de muitas críticas por suas ações à frente da instituição.

Em meados de 2007, o Cenesex, segundo Abel Sierra, iniciou uma política que ele denomina de travestismo de Estado, que seria “*una serie de mutaciones orientadas a garantizar la continuidad del sistema ya borrar el pasado*”. Ela serviria como “*un proyecto de despolitización y asimilación encaminado a producir determinados cuerpos y*

subjetividades, también a controlar su historia política y cultural” (SIERRA MADERO, 2022). Em outras palavras, seria um espaço de “crítica controlada”.

No mesmo ano, Mariela Castro começou a estar cada vez mais em foco nos jornais, por colocar em voga as questões LGBTQIA+ pelo Cenesex e por transitar pelas ruas rodeada de homossexuais, buscando garantir que *“la diversidad sexual ya formaba parte de la revolución y de una ‘manera revolucionaria’”* (SIERRA MADERO, 2022). Seja como for, por ocupar espaço central nas discussões sobre homossexualidade, ela foi acusada de “minimizar” o significado das Umaps, bem como de tentar isentar Fidel Castro de qualquer responsabilidade pela existência delas.

Entretanto, em entrevista a Carmen Lira Saade, jornalista mexicana, Fidel Castro assumiu, aparentemente, sua culpa pela experiência das Umaps:

Sí – recuerda –, fueron momentos de una gran injusticia, ¡una gran injusticia! – repite enfático –, la haya hecho quien sea. Si la hicimos nosotros, nosotros... Estoy tratando de delimitar mi responsabilidad en todo eso porque, desde luego, personalmente, yo no tengo ese tipo de prejuicios (CASTRO apud SAADE, 2010).

No entanto, Fidel ainda pondera sua fala: *“teníamos tantos problemas de vida o muerte que no le prestamos atención... Piensa cómo eran nuestros días en aquellos primeros meses de la Revolución: la guerra con los yanquis, el asunto de las armas, los planes de atentados contra mi persona”* (CASTRO apud SAADE, 2010). Após essa declaração, Mariela Castro, em uma entrevista ao diário argentino Clarín, em 4 de novembro de 2007, discordou abertamente de seu tio: *“Siento decir que no estoy de acuerdo con Fidel. Yo lo respeto. Respeto que él, como caballero de su época y con su espíritu quijotesco, asuma la responsabilidad por ser el máximo líder. Desde ese lugar, lo comprendo”*. (CASTRO ESPÍN apud VERDADES OFENDEN, 2014). Na mesma entrevista, quando questionada sobre esses campos de trabalho forçado, ela respondeu:

No eran campos, eran unidades militares de apoyo a la producción que se habían creado como una modalidad de servicio militar para facilitar que los hijos de obreros y campesinos salieran con una calificación que les permitiera un acceso a un trabajo mejor remunerado (CASTRO ESPÍN apud VERDADES OFENDEN, 2014).

Esse modo tipo de posicionamento provocou muitas críticas da parte de ex- internos das Umaps, que se avolumaram desde então. A tal ponto que, em 2009, surgiu o

UmapCuba1965, um blog derivado da *Asociación de Ex Confinados de la Umap*.¹ Essa associação levantou as seguintes bandeiras de lutas, por ela listadas como “conquistas”:

*Reconocimiento de los ex confinados como presos políticos.
Integrar la organización en el Consejo del Presidio Político Cubano. Lograr que el Departamento de Estado reconociera a los ex confinados de la Umap como presos políticos y que tuviesen similar reconocimiento a los demás presos políticos.
Por dos años se publicó un boletín bi mensual bajo el nombre Umap. Participación en numerosos programas de radio y televisión, el primero en “Mesa Revuelta” dirigido por reconocido periodista, Agustín Tamargo. Por espacio de un año los programas del lunes son dedicados íntegramente a la Umap.
En la estación CMQ la periodista Cary Roque establece los martes como el Día de la Umap; permanece en el aire por dos años.
La organización se integra a las organizaciones “sombrillas” Unidad Cubana y Foro Patriótico Cubano.
La idea de un miembro del ejecutivo de la organización de rescatar del olvido y honrar a las víctimas del castro comunismo es tomada por la organización; se crea el “Memorial Cubano”.
El historiador Enrique Ros escribe con el apoyo de la organización el libro “Umap, el ulag castrista”. (UMAPCUBA1965).*

O blog hospeda uma grande quantidade de testemunhos. Além de vídeos alusivos ao encontro os 50 anos das Umaps, é possível encontrar também uma relação dos repressores, os nomes das unidades e sua localização aproximada. O slogan do evento, era, “*Donde nunca existió un gesto humano*”. Não se pense, contudo, que todos os ex-reclusos compartilham, ao pé da letra, a mesma opinião que expressa uma visão extremada, contaminada, de alto a baixo, por uma experiência própria embebida em dores, em ressentimentos, que até certo ponto são compreensíveis, se bem que bloqueiam uma análise mais fria dos fatos. Héctor Santiago², por exemplo, relativiza, ao menos parcialmente, o peso das acusações dos ex-confinados:

“La memoria es mala y muy mal agradecida. Se recuerda más a quien te pateó que a quien te limpió las nalgas. Quizás es que eran tan pocos los buenos... Sí, el cabo José Antonio: aunque estaba prohibido, siempre les llevaba agua a los que sufrían “el hoyo” y “el palo”. Tiene que haber otros. ¡Gracias!” (SANTIAGO apud VIEIRA).

¹ Essa entidade foi criada por Francisco García Martínez, um ex-interno da Umap, na década de 1980, com o propósito de reunir e divulgar testemunhos sobre a vida nessa instituição. Participaram da criação outros ex-umapianos como Francisco García Martínez, Rev. Orlando Colás, Emilio Izquierdo, Enrique Trigo, Raúl Inda, Cecilio Lorenzo, Hugo Arza, Renato Gómez e Juan Villar. Para maiores informações, ver *Acto 50*. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/5185-2/>>. Acesso em 14 out. 2022.

² Héctor Santiago, cubano nacionalizado mexicano, nascido em 1944, formou-se em dramaturgia em Cuba e é também coreógrafo, dançarino e escritor. Em 1965, foi preso nas Umaps, acusado de ser “antissocial”, denominação atribuída a homossexuais. Cf. VIERA, Félix Luis. *Los horrores de la Umap*. Disponível em <<http://www.elblogdemontaner.com/los-horrores-de-la-umap/>>. Acesso em 15 set. 2022.

Seu relato evidencia que, mesmo em meio àqueles campos, existiam “gestos humanos”, até porque regime disciplinar algum opera de forma totalitária e inteiramente eficaz, como enfatiza Michele Perrot.³ Por mais parciais e tendenciosos que sejam, esses testemunhos que emergiram a partir de 2007 adquirem importância, porque os documentos oficiais sobre essas unidades não são acessíveis e/ou foram destruídos. E eles nos ajudam, de alguma maneira, a compreender a experiência dos internos e até dos guardas, ao aludirem ao tratamento dispensado aos umapianos, suas formas de resistência e suas vivências.

Os blogs que deram vazão às denúncias tornaram-se um ambiente propício para o estudo dos relatos dos ex-confinados das Umaps. Estes, ao socializarem suas experiências, buscaram, por essa via, se integrar, fazer parte de uma comunidade, encontrando na escrita uma alternativa para falar sobre seu passado, na defesa de seus interesses, impulsionada por seu engajamento movido pelo propósito de desacreditar a Revolução Cubana e/ou o socialismo como um todo, num movimento de adesão, confessada ou não, aos valores da sociedade burguesa, como se esta fosse o habitat por excelência da liberdade e da democracia.

UMAPS: EXPERIÊNCIA, RESISTÊNCIA E REPRESSÃO

Para analisarmos os mecanismos de repressão que afetaram os homossexuais nas Umaps, convém antes atentar para o discurso/visão se tinha em Cuba sobre homoafetividade. Em entrevista concedida por Fidel Castro a Lee Lockwood, no ano de criação das Umaps, algumas pistas nos são fornecidas. O comandante-em-chefe da Revolução Cubana apontava que

No podemos llegar a creer que un homosexual pudiera reunir las condiciones y los requisitos de conducta que nos permitirían considerarlo un verdadero revolucionario, un verdadero militante comunista. Una desviación de esta

³ “Ora, é preciso lembrar que nunca um sistema disciplinar chegou a se realizar plenamente. [...] O regulamento sempre é mais ou menos contornado”. PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 55.

naturaleza está en contradicción con el concepto que tenemos sobre lo que debe ser un militante comunista [...] Bajo las condiciones en que vivimos, a causa de los problemas con que nuestro país se enfrenta, debemos inculcar a los jóvenes el espíritu de la disciplina, de lucha y trabajo (CASTRO apud SIERRA MADERO, 2016).

A Unión de Jóvenes Comunistas (UJC) também se posicionou a respeito disso em 31 de maio de 1965. Para ela os homossexuais seriam indivíduos débeis, quase incapazes de assumir um papel revolucionário. Por esse motivo, não poderiam

“ganarse el derecho” de entrar en la universidad, a menos que antes pasaran pelo Serviço Militar Obrigatório (SMO). Numa palavra, eles eram vistos como inimigos: “Ustedes saben quiénes son, los han tenido que combatir muchas veces [...] apliquen la fuerza del poder obrero y campesino, la fuerza de las masas, el derecho de las masas contra sus enemigos [...] ¡Fuera los homosexuales y los contrarrevolucionarios de nuestros planteles!” (SIERRA MADERO, 2016).

Essas pessoas tidas como “moralmente desviadas” ou “gusanos” [vermes] deveriam, se necessário fosse e para o bem da Revolução, ter seu sangue derramado⁴, como declarou Fidel Castro:

“cuando no quede más remedio que derramar la sangre de muchos mosquitos, o muchos gusanos, pues entonces derramemos la sangre de los gusanos. Porque si estamos en defensa de la Revolución dispuestos a que se derrame la sangre de los revolucionarios, no vacilaremos en derramar la sangre de nuestros enemigos cuando las circunstancias lo exijan. (Aplausos.)” (CASTRO, 1966).

⁴ é pertinente nos referirmos, ainda que brevemente, à opressão sexual fora das fronteiras da ilha caribenha. Isso porque, obviamente, Cuba não foi, no século XX, nem o único nem um lugar à parte do mundo onde havia repulsão a sujeitos homossexuais, muito menos a única nação em que a homossexualidade foi considerada doença e perseguida sob diversas formas. O Brasil, por exemplo, no período 1964-1985, viveu sob um sistema ditatorial que abominava os paradigmas socialistas, porém tal circunstância e não impediu o compartilhamento da repulsa oficial à “pederastia”. A repressão à homofobia associava-se, em ambos os países, ao combate à subversão política, ou seja, aquele que se assumia publicamente como homossexual era considerado inimigo da preservação da ordem e dos bons costumes, calcada no culto à família tradicional, e, consequentemente, um perigo para a pátria. Havia uma série de procedimentos elaborados pela polícia do Estado para retirar homossexuais, principalmente os travestis, das ruas e encarcerá-los, com a premissa de que esses sujeitos seriam uma ameaça às famílias e representariam uma intimidação ao poder vigente, pois suscitariam a subversão política. Ver SÃO PAULO. Comissão Estadual da Verdade de São Paulo Rubens Paiva. Relatório. São Paulo: Alesp, 2015, p. 2. a repressão à homoafetividade se evidenciava em muitos lugares do planeta, como nos Estados Unidos (EUA), supostamente um dos berços da democracia... Em 1984, a revista *Mariel*, por exemplo, reproduziu uma chamada feita em 1977 para uma marcha diante da Organização das Nações Unidas (ONU). O comunicado denunciava o suicídio de um homossexual cubano em Miami, EUA, mostrando como o exílio naquele país não era um “mar de rosas”, ao contrário do que se poderia esperar ou do que era a apregoado. A manifestação repudiava ainda a campanha que previa a revogação da lei que proibia a discriminação com base em orientação sexual no condado de Miami-Dade. Ver *Mariel: Revista de Literatura y Arte*, v. 1, n. 5, New York, Spring 1984.

Na ótica da Revolução, a missão reservada às Umaps era a de promover a “regeneração social”. Impunha-se, para tanto, refrear os desvirtuamentos e evitar que os internos se tornassem “*más antisociales*” ou “*maricones*”. No discurso de Fidel Castro, proferido em 13 de março de 1966, fica evidente como o governo empenhava-se em legitimar as Umaps:

nuestro problema con estos señores tenemos que resolverlos sencillamente. Son unas pocas decenas. De esas pocas decenas, unos tendrán que ir a la cárcel por delito de tipo común, sencillamente por desfalco, uso indebido de fondos; otros tendrán que ir al Servicio Militar; otros tendrán que ir a la Umap, Unidades Militares de Ayuda a la Producción; y otros tendrán que ir a centros de rehabilitación de acuerdo con las disposiciones del Código de Defensa Social (Aplausos.) (CASTRO, 1966).

Conforme a *Comisión Interamericana de Derechos Humanos*, o Código de Defesa Social definia como crime político uma ação que “*ofende un derecho o un interés político del Estado, o un derecho político de los ciudadanos*”. Entretanto, o mesmo código salvaguardava o direito à liberdade de pensamento e a proteção contra prisões arbitrárias. E as violações a essas normas não foram poucas:

Desde su establecimiento, la Comisión recibió numerosas comunicaciones en que se denunciaban diversos actos violatorios de los derechos humanos en la República de Cuba. Con el fin de facilitar el conocimiento de las mismas por parte de la Comisión, la Secretaría las clasificó en generales y específicas, teniendo en cuenta para ello si las comunicaciones recibidas contenían meramente una relación de tipo general sobre violaciones de derechos humanos o si, por el contrario, se referían a hechos concretos sobre la violación de un derecho en contra de un individuo o un grupo de personas (COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS, 1967).

Com a homossexualidade sendo considerada um “desvio patológico” e seus portadores, “maricones”, estigmatizados como consideradas, como mais suscetíveis às influências deletérias imperialismo, as Umaps foram concebidas como uma tentativa de reabilitação dessas pessoas e, como vimos anteriormente, como um meio de aumentar a mão de obra em prol da Revolução.

Elas foram criadas em 1965, com base na lei 1129 de 26 de novembro de 1963, que estabeleceu o Serviço Militar Obrigatório (SMO) para homens entre 16 e 45 anos durante um período de três anos. O pesquisador Joseph Tahbaz (2013) contabiliza que essas unidades abrigavam, em média, 35 mil reclusos, dos quais 500 entregues a cuidados psiquiátricos, 180 cometeram suicídio e 70 morreram em consequência de torturas. Do total de confinados, cerca de 3600 (um pouco mais de 10%) eram “*maricones de mierda*” (CABALERRO BLANCO, 2013). As unidades se localizavam na província de Camagüey, e os internos eram transportados até lá em ônibus. Héctor Santiago, em entrevista a Félix Luis Viera, conta sua experiência:

Nos metieron en unos ómnibus con las ventanas cubiertas por periódicos o pintadas de negro. Delante guiaban al convoy unos jeeps con los guardias armados y detrás lo cerraban otros. Íbamos a gran velocidad, evitando las grandes ciudades y pasando por pueblecitos desiertos con las ventanas cerradas, sin testigos y había milicianos en las calles en penumbras. En la parte de atrás del ómnibus orinábamos y defecábamos — con el calor tropical, los gases y pestes formaron parte del menú. Así, hasta el estadio de béisbol de Ciego de Ávila, el viaje duraría unas 8 o 10 horas, sin agua ni comida (SANTIAGO apud VIEIRA).

O trabalho nas Umaps era (mal) remunerado, os internos ganhavam 7 pesos por 12 a 14 horas trabalhadas, visando à produção, principalmente, de açúcar. Trabalhava-se de segunda a sábado, com folgas aos domingos, quando “*no fuese programado trabajo voluntario*”(VERDADES OFENDEN, 2020). As longas jornadas de trabalho, a pouca remuneração e a preocupação extrema com a produção tornaram essas unidades, na visão de muitos reclusos, campos de trabalho forçado ou campos de concentração.⁵ Nesse ponto, porém, as opiniões sobre as Umaps revelam uma divergência, talvez sutil: para uns, desde o começo, elas se destinavam a encarcerar contrarrevolucionários, homossexuais, religiosos e

⁵ Ao falarmos sobre essas unidades, abre-se uma discussão sobre o seu estatuto: elas foram ou não campos de concentração? Para Joseph Tahbaz, a resposta a tal questão é negativa, pois a função das Umaps não era matar um grupo específico de indivíduos, e sim explorar sua mão de obra. Já a pesquisadora Silvia Miskulin entende que denominá-las como tais é um procedimento extremamente polêmico, embora não possamos negar o seu caráter de campos de trabalho obrigatório. Miskulin salienta que Anne Applebaum define bem o que seria um campo de concentração: estes foram “constituídos para encarcerar pessoas não pelo que elas fizeram, mas pelo que elas eram. Diferentemente dos campos de concentração de criminosos condenados e dos campos de prisioneiros de guerra, os de concentração foram criados para um tipo específico de prisioneiro civil não criminoso, membro de um grupo ‘inimigo’ ou, pelo menos, de uma categoria de pessoa que, pela raça ou suposta tendência política, era considerada perigosa ou estranha à sociedade”. A propósito, ver TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las Umap: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/items/67eb987d-d6cb-43be-b6ef-4579136d8213/>> Acesso em 3 dez. 2019, e MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961- 1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 98

hippies, e, em meio a isso, o regime aproveitou-se de sua mão de obra. Outros entendem que essas unidades foram pensadas inicialmente para ajudar na produção, em um momento em que Cuba enfrentava problemas econômicos, mas sua principal função teria sido desvirtuada.

Esse parece ser o caso de Raimundo García Franco, pastor evangélico que lutou no Movimento 26 de Julho e foi interno das Umap por dois anos. Abel Sierra afirma que *“García Franco consideraba a las Umap como un proyecto que ‘perseguía un resultado más humano, más revolucionario, más constructivo’, pero que, por cuestiones de gestión, no sistemáticas, fracasó”* (SIERRA MADERO, 2022). Já José Caballero Blanco, outro ex-confinado, as Umap representavam para o Estado Revolucionário cubano *“mano de obra barata, carne de cañón y cerebros para lavar, toda una bicoca”* (CABALLERO BLANCO, 2013). Na mesma perspectiva, o historiador Joseph Tahbaz sublinha que o seu objetivo não era matar civis, e sim *“aprovechar la fuerza laboral de las ‘lacas sociales’, sin preocupación alguna por su costo humano”* (TAHBAZ, 2013).

Quaisquer que fossem as opiniões dos ex-internos dessas unidades, para Yoe Suárez – jornalista cubano – alguns consensos prevaleciam:

Hay consenso sobre la existencia de torturas en los campamentos, especialmente durante el primero de los dos llamados Umap. Lo confirma alguien como el pastor Alberto González, que por su vocación espiritual prefiere alejarse de la política, y un exiliado como el novelista Félix Luis Viera.

Hay consenso en cuanto al error que representaron esas unidades para la clase política del país. Según Raúl Suárez, pastor simpatizante del gobierno, “por el sufrimiento causado a quienes pasamos por ella”, porque ofreció “una imagen en el país, y también fuera, que contrastaba sensiblemente con el sentido humanista de la obra revolucionaria”. Según la Asociación de Ex Confinados de la Umap, asentada en la Florida, porque revela el carácter totalitario del castrismo.

Hay consenso en la necesidad de desagravio. Muchos esperan que el Estado pida perdón.

Hay consenso respecto a que eran (o se concibieron) como campos de trabajo y de adoctrinamiento político. Lo expresa el Informe de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos en 1967, y un año antes la prensa oficial al aceptar que en las noches se daban clases de «instrucción revolucionaria».

Hay consenso acerca de que el motivo de concentración en las UMAP fue de tipo ideológico (SUÁREZ, 2018)

Nesse período, outro denominador comum consistia na ideia de que a homossexualidade era uma doença. Enquadrada como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1948, quando a sexta revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID) a categorizou como um transtorno, uma patologia, essa concepção nefasta se manteve até a décima revisão, em 1993 (LAURENTI, 1994). Nessas circunstâncias, os homossexuais foram submetidos a “tratamentos” psicológicos de todos os tipos, incluindo torturas físicas. María Elena Solé, psiquiatra que trabalhava nessas unidades, em entrevista a Abel Sierra, confirmou tal realidade: *“En ese entonces eso [la homosexualidad] estaba en la clasificación internacional de enfermedades como una patología, o sea, antes se consideraba que el homosexual era una desviación sexual y estaba dentro de la clasificación de enfermedades”* (SOLÉ apud SIERRA MADERO, 2016).

Assim, colocou-se em ação *“una política sanitaria de erradicación de la homosexualidad”*. Os homossexuais passaram a ser divididos em classificações que iam de A1, o homossexual que não era contra a Revolução, não tinha trejeitos femininos nem queria deixar o país, até A4, o indivíduo ostensivamente afeminado, revolucionário ou não, que não apoiava a Revolução e pretendia abandonar a ilha. Segundo Maria Elena Solé,

el A1 era, bueno todos eran homosexuales. El A1 no hacía ostentación de su problema, no manifestaba hostilidad hacia la Revolución, no quería decir que fuera revolucionario, que además no era contradictorio porque allí si había muchos revolucionarios, inclusive los A4 (SOLÉ apud SIERRA MADERO, 2016).

Os homossexuais deveriam ser submetidos a um tratamento que objetivava sua “reabilitação”. Conforme Héctor Santiago,

Ellos, al igual que los soviéticos, ¡ay, siempre ellos!, pensaban que la sexualidad podía reacomodarse y esto aplicaron en los países del eje comunista y pensaban que en Cuba sería efectivo para que los maricones se transformaran en el “Hombre Nuevo” machazo criollo guevarista. Así, mientras veías películas pornográficas de sexo heterosexual y mujeres desnudas, te daban café, cigarros, jamón — ¿qué es eso? —, agua fría, sodas, etcétera. Después, cambiaban “palo pa’ rumba” y veías machos encuerados, falos erectos, mientras te aplicaban los electros o te inyectaban insulina para choquetearte (SANTIAGO apud VIERA).

O método usado para “reabilitar” os “desviados” era o do comportamentalismo e/ou behaviorismo, baseado na teoria de Burrhus Frederic Skinner do condicionamento operante, no qual se analisa o comportamento observável através de estímulos e resposta a eles. Em outras palavras, levam-se em conta o reforço positivo – que aumentaria as chances de uma resposta futura que o produz – e o reforço negativo, que, ao contrário, busca remover uma determinada resposta a um determinado incentivo (SKINNER, 1998).

No entanto, esse método foi logo repudiado pelos internos, como expôs Heberto Padilla, em entrevista ao documentário *Conducta impropia*. Cada vez que imagens femininas apareciam na tela, os confinados homossexuais se mostravam excitados e, quando era mostrado homens, expressavam nojo e repulsa (*MAUVAISE CONDUITE*, 1H:06:16). Apesar de toda resistência, não devemos pensar que esse tipo de tratamento, aliado ao machismo enraizado na época, não afetou os umapianos. Solé relatou que os homossexuais muitas vezes eram preconceituosos em relação a outros homossexuais, quando não diante de sua própria homossexualidade:

“ellos mismos [los homosexuales], porque en ese entonces la mayoría de ellos no querían ser homosexuales, sobre todo los que venían de una familia integrada, con un hogar más o menos estable, y nosotros pensábamos que lo ideal sería que esas personas que sí lo eran se comportaran normalmente” (SOLÉ apud SIERRA MADERO, 2016).

No entanto, ela ressalta que não eram todos: *“algunos hasta homosexuales no querían estar con otros homosexuales, y otros estaban contentísimos entre ellos”* (SOLÉ apud SIERRA MADERO, 2016). No curso da entrevista, a psiquiatra se justificou, alegando que se acreditava, naquele momento, que podia, efetivamente, “regenerar” esses sujeitos, tidos como “doentes”:

Eso fue una experiencia, grande, grande, grande. Pero sí te puedo asegurar que en ningún momento hubo la intención deliberada — además, yo soy una persona bastante humana, bastante sensible, soy incapaz deliberadamente a hacerle daño a alguien —, en ningún momento tuvo la intención de a ellos dañarles... Todo el tiempo estuvo la intención rehabilitarlos, incorporarlos a la sociedad, hacerlos mejores (SOLÉ apud SIERRA MADERO, 2016).

Para “*hacerlos mejores*”, os internos possuíam um cartão de identificação, e dele constavam as seguintes informações: nome e sobrenome, grau – se o sujeito era soldado ou até mesmo cabos –, data de nascimento, escolaridade, endereço e um número.

Era atribuído aos reclusos um número pelo qual passariam a ser chamados. José Caballero Blanco explica que, após chegar em seu pelotão, foi-lhe conferido um número: “*Me asignaron el número 12 del primer pelotón*”. E ainda ressalta “*otra vez volvía a ser un simple número fácil de substituir*” (CABALLERO BLANCO, 2013). Essa numeração era passível de modificação quando necessário. Outro interno informa que teve três números em um período de dois anos: “*llevó el número ‘4’, el ‘48’ y el ‘56’*”(UMAPCUBA1965, 2020). Por serem identificados apenas pelos números, os confinados estabeleciam entre si uma forma de identificação que se quebrava quando eles eram trocados, o que reforçava o processo de pretensa despersonalização dessas pessoas.

Tal troca causava a ativação da protomemória, que são os costumes involuntários, inconscientes, o próprio senso prático (CANDAU, 2018). Ao se provocar a perda de um marco identitário da maior importância, com a substituição do próprio nome por números e a mudança posterior desses, os umapianos ficavam à mercê de um jogo psicológico que os transformava, ao menos em princípio, em joguetes de forças que lhes eram superiores.

Em meio a esse processo de modelagem de identidades, María Elena Solé assinala que persistia, no imediata, pós-Revolução havia um baixo nível de escolaridade em Cuba, fator que, a seu ver, prejudicaria a afirmação da ideologia revolucionária. As Umaps entravam nesse ponto como um instrumento de reeducação e controle:

Entonces yo pienso que si al triunfo de la Revolución, efectivamente, la mayoría del pueblo era analfabeta o tenía cuarto grado o quinto grado, es decir, el nivel de escolaridad era muy bajo y pienso también que el nivel cultural y social era también muy bajo, muchísimo más bajo todavía el nivel político, para que la gente tuviera una determinada ideología acerca de las cosas. Los comités militares empiezan a reclutar a todo el mundo... que eso fue en el año 64... yo calculo que de esos que ellos no pudieron reclutar, que tenían la edad.

Novamente, percebe-se que, do ponto de vista dos comandantes da Revolução, era necessário transformar esses indivíduos em corpos úteis, econômica e politicamente. E, para tanto, não se recorria exclusivamente à tortura psicológica e física: “*Hubo, según*

afirma Tahbaz, toda variedad de trato por parte de los guardas, desde el abuso hasta la compasión”(VERDADES OFENDEN).

Dentro dessas unidades o trabalho, era penoso, espinhoso, doloroso e, por vezes, insuportável. Um dos ex-internos – identificado em notícia veiculada em um blog como Gustavo – qualifica suas experiências como “horribles”:

tenías que ir al trabajo forzado aún enfermo con fiebre de 40 y aquellos sargentos que ni los de Batista hacían estos carceleros, con las botas saliendo las puntas interiormente sin medias, en charcos de agua. Cortando caña, cuando te tirabas en la guardarraya y te negabas porque no podías con la fiebre, te levantaban, te insultaban y vejaban, luego pasando hambre subsistías por la comida que en las visitas te llevaba tu familia, traslados de madrugada para otras unidades. Solo nosotros sabemos lo que pasamos. Y el mundo estaba ajeno a esto (GUSTAVO apud VERDADES OFENDEN).

Francisco García Martínez, criador do blog UmapCuba1965 e diretor executivo da Asociación de Ex Confinados de la Umap, também alude aos maus-tratos que imperavam nessas unidades:

Mis manos y piernas están llenas de heridas, muchas hechas por mí para tratar de salir de aquel infierno. Nos tenían en lugares remotos de Camagüey, donde los mosquitos mataban a los caballos y también a las personas. Allí vi amarrar a los hombres desnudos a una cerca de alambre de púas. Todavía tengo en mi memoria presente los gritos de aquellos hombres torturados, quienes permanecían noches y días enteros amarrados sin recibir ni comida, ni agua. A mí me obligaron abrir hoyos en la tierra de mi altura, para cubrir completamente mi cuerpo. Después me ordenaban taparlo y a abrir otro. A otros les mandaban a abrir hoyos y los llenaban de agua y los mantenían cuatro días con la cabeza afuera solamente. [...] compañeros míos arrastrarlos amarrados a un caballo por las guardarrayas. Creo que en tortura vi todo lo que se puede ver en este mundo (FRANCISCO GARCÍA MARTÍNEZ apud VERDADES OFENDEN).

De toda maneira, José Caballero destaca que os homossexuais, juntamente com os Testemunhas de Jeová, foram “*un ejemplo de resistencia y valor ante las torturas físicas y psicológicas a las que fueron sometidos*” (CABALLERO BLANCO, 2013, p.74). Enquanto isso, ele assegura que as torturas implicavam trabalhar ao sol sem poder beber água ou descansar, até ser jogado em valas “*llenas de excrementos, que les daba hasta el pecho*” (CABALLERO BLANCO, 2013, p.74).

Mas as torturas físicas – convém reiterar – não eram a única forma de punição. Adotaram-se igualmente os castigos psicológicos. Como, por exemplo, os falsos fuzilamentos que consistiam em levar os testemunhas de Jeová para o campo, onde

fingían que los fusilaban, haciéndoselos creer a los que quedaban en el campamento. Luego les decían que si no querían correr la misma suerte tenían que ponerse los uniformes y trabajar. Al negarse, volvían a agarrar a otro y repetían la mascarada del fusilamiento. Ninguno aceptó, aunque no sabían que solo era un simulacro (CABALLERO BLANCO, 2013, p.87).

Por sua vez, Juan Antonio Zas Irigoyen lembra que, como parte das punições psicológicas, os guardas buscaram

mezclar a todo el mundo, por dejar de traer y mezclar empezaron a traer, presos de la cárcel del Príncipe, en La Habana, homosexuales, pastores bautistas, sacerdotes de la iglesia católica, testigos de Jehová (los más abusados), todo con el objetivo de corromper y desmoralizar a unos con otros; al menos en mi campamento, rápidamente nos dimos cuenta y tratamos de neutralizar lo más posible que sucediera esto (JUAN ANTONIO ZAS IRIGOYEN apud UMAPCUBA1965).

Quando Juan Antonio Zas afirma que no seu acampamento “trataram de neutralizar” tais ações, são cabíveis pelo menos duas interpretações. A primeira, de que entre os internos existia preconceito em relação aos homossexuais, ao “diferente”, ou seja, certos grupos não eram bem-vistos. Os homossexuais e algumas religiões, por exemplo, são designados por ele como “los más abusados”. A outra se baseia na relação de solidariedade dos reclusos, isto é, mesmo que tentassem desmoralizá-los, lançando sobre eles a pecha de integrantes de grupos marginalizados, os internos procuravam “neutralizar” esse procedimento que visava jogar uns contra os outros.

Tal interpretação é evidenciada em outros relatos de apoio, assistência e companheirismo. Caballero Blanco conta em seu livro uma dessas manifestações de solidariedade entre os confinados em um dia de visitas:

Hubo un momento dramático y fue cuando Armando comenzó a llorar en el pecho de su mamá, dejando salir toda la presión que sentíamos sobre nosotros. Nos sorprendió, pues era el más ecuaníme de nuestro grupo. En ese momento, como diríamos más tarde, se rompió emocionalmente, repitiendo: “Sáquennos de aquí”. Fuimos hacia él y lo regamos para que se compusiera, pues no queríamos darle el gusto a los oficiales de que nos vieran flaquear. Ya a solas en nuestras hamacas era distinto, pues cada uno de nosotros en ciertos momentos nos

habíamos desahogado con el llanto. Quien piense que es cierta la máxima de “los hombres no lloran”, enseñada a cada varón, nunca estuvo en las Umap (CABALLERO BLANCO, 2013, p.112).

Expressões de solidariedade também são descritas por Noel Fernández, ex- interno levado a Camagüey, que relata o que viu acontecer com os adventistas do sétimo dia:

Algunos guardábamos parte de nuestra comida los sábados para dársela a los adventistas, que eran obligados a permanecer de pie toda la mañana y la tarde en el centro del campamento. El jefe de unidad gritaba que si la Biblia dice que el que no trabaja no come, ya que ellos no trabajaban ese día no tenían derecho a la comida (NOEL FERNÁNDEZ apud UMAPCUBA1965).

Por outro lado, Roberto Fernández Retamar⁶, ao dar seu testemunho, pontua que durante sua pós-graduação pastoral na Umap, teve experiências que jamais esquecerá. Dentre elas, um gesto de amparo que, assim como os citados acima, nos mostra que a repressão não era algo que impedia a existência de uma rede de solidariedade entre os internos:

Yo era el «maestro» cocinero del Batallón 17 — radicado muy cerca de Piedrecitas, municipio de Florida, Ciego de Ávila. Eran más o menos las doce del día, y pasaba una compañía integrada en su totalidad por homosexuales. Se me acercaron y me pidieron agua. Y les di. Cuando uno de los jefes me vio en ese trajín, posteriormente me obligó a fregar los vasos con ceniza y agua caliente (UMAPCUBA 1965).

Mesmo sabendo que seria castigado, como o foi obrigado, a lavar copos com água fervente, Fernández Retamar não deixou de prestar ajuda aos homossexuais. Acresça-se, porém, que, apesar de socorro dado aos homossexuais, esse testemunho, adicionado ao blog ao final de 2020, deixa claro que o revolucionário, ainda que não concordasse com medidas repressivas postas em prática nas Umeps, achava que esse tipo de desvio podia ser erradicado:

⁶ Roberto Fernández Retamar, poeta, ensaísta cubano e ganhador do prêmio nacional de literatura em 1989. Revolucionário, atuou como presidente da Casa de las Américas, e foi membro da Academia Cubana de la Lengua. Ver *Ecured*. Roberto Fernández Retamar. Disponível em <https://www.ecured.cu/Roberto_Fern%C3%A1ndez_Retamar>. Acesso em 23 fev. 2023.

Frente a lo que llamas “desviados” y “marginados”, son las condiciones específicas de la sociedad en un momento determinado las que crean estas actitudes, y por lo tanto, somos responsables, y como tales debemos trabajar y buscar, como se ha hecho en ciertas ocasiones, para encontrar soluciones humanas y justas frente a estas actitudes. Las medidas represivas no erradican estos estilos de conductas que se dan en nuestra sociedad (UMAPCUBA 1965).

Isso nos faz pensar como o preconceito sexual perdura para além da cerca de “*alambre de púas*” das Umaps e, mesmo com tanto avanço nessa área na sociedade cubana e com a relevante atuação do Cenesex, ele se mostra enraizado nas sociedades de modo geral, e não apenas em Cuba.

Independentemente disso, todas essas formas de solidariedade podem e devem ser consideradas como formas de resistência e de poder, que circula por toda parte e diz respeito a todos nós (Cf. PARANHOS, 2015). Afinal, em sua encarnação político-social como algo contraditório, o poder não é suscetível de apropriação exclusivamente pelo Estado e pelas classes dominantes. Antes, ele se cola às relações sociais (Cf. PARANHOS, 2010). Nessa perspectiva, os internos das Umaps não eram sujeitos destituídos de poder, que não exerciam resistência frente às forças do Estado. No entanto, eles esbarravam no poder repressivo representado pelos guardas que estavam à frente das unidades (SOLÉ ARRONDO *apud* SIERRA MADERO, 2016, p. 362). Apesar das dificuldades enfrentadas, María Elena Solé frisa que

*ellos hacían allí concursos y nos invitaban a nosotros – los guardias no se tenían que enterar: rompían los mosquiteros, raspaban los ladrillos para echarse en la cara, raspaban las cazuelas para pintarse el pelo de negro, se hacían tremendos trajes con los mosquiteros y hacían desfiles de moda (SOLÉ ARRONDO *apud* SIERRA MADERO, 2016, p. 362).*

E continua,

*Entonces ellos hacía fiestas, bailes. Por eso yo te digo que ellos, no todos estaban tan mal allí; no todos estaban tan mal allí. También dependía de la unidad, y, ¿de qué dependía la unidad? Del guardia que estuviera al frente. Si tú cogías un salvaje de estos, evidentemente, allí había una represión tremenda (SOLÉ ARRONDO *apud* SIERRA MADERO, 2016, p. 362).*

Kiko Oliveira, um ex-professor e sargento dessas unidades, observa, como Solé, que os açoitamentos dependiam dos chamados jefes, cujo comportamento era variável: “*hay jefes hijoeputas, y otros muy buenas personas*” (KIKO OLIVEIRA apud UMAPCUBA1965). Aliás, ele relembra de um episódio, que em princípio o desagradou, por envolver certo desacato à sua autoridade:

Una vez un recluta, no recuerdo de qué religión, empezó a sabotearme la clase de Historia con versos bíblicos. Eso me cayó mal – narra Kiko que, según su propio decir, leía a Martí y la Biblia desde niño. Miró al alumno y le recordó, como un librazo: – Al César lo que es del César, y a Dios lo que es de Dios. Y ahora, estás bajo el César (KIKO OLIVEIRA apud UMAPCUBA1965).

Nas Umaps os desfiles de moda com trajes improvisados e “festas” não eram os únicos meios de resistência, notadamente nas unidades que acolhiam homossexuais. Havia reações mais penosas para exprimir o descontentamento quanto ao trabalho árduo e às torturas. Muitos relatos se referem à mutilação e ao suicídio como forma de resistir. Outros chegaram a manter relações sexuais com guardas como tática ou de facilitação de fugas desses acampamentos.

Ramón Lamadrid foi um dos que tentou e conseguiu fugir das Umaps. Todavia, sua história não acabou com final feliz. Segundo o cineasta e jornalista Manuel Zayas, depois da fuga, Ramoncito foi morto:

le dispararon al salir de la casa de su madre en Marianao, el 24 de enero de 1966. Le tiraron y le agarraron el bajo vientre los jenízaros de la policía militar castrista porque se había fugado del campo de concentración de la Umap en Camagüey unos días antes”. Malherido “lo llevaron al Hospital Naval, donde dos semanas después falleció. Las únicas que lo iban a ver allí fueron Dulce, Regina y Rosalía Álvarez”, quienes frecuentaban la iglesia de San Juan y eran vecinas de la farmacia donde el muchacho trabajaba (MANUEL ZAYAS apud UMAPCUBA1965).

As mutilações foram um expediente de resistência mais ou menos comum. Para poder descansar, muitos sujeitos se mutilavam, a fim de conseguir uma folga: “*La*

automutilación no siempre daba buenos resultados, pero hasta ese extremo se llegaba, con tal de escapar – aunque solo fuese por unos días –, de las fatigosas labores” (CABALLERO BLANCO, 2013, p, 58).

Luis Bernal Lumpuy, um soldado das Umaps, da maiores detalhes sobre mutilações, suicídios e fugas:

Quienes se atrevieron a saltar las alambradas que rodeaban las barracas murieron ametrallados por los soldados. Algunos escapaban de los hospitales, en los que ingresaban después de herirse cortándose los tendones de la mano. Esa última técnica de fuga era macabra. Quienes se especializaron en ese tipo de cirugía empleaban una cuchilla para cortar los tendones de la mano de un amigo que se lo pedía, luego cubrían la herida con tierra y el machete con sangre, y gritaban avisando que había ocurrido un accidente. Muchos quedaron con la mano inutilizada para siempre. Algunos se lanzaron delante de los camiones en marcha, se cortaron las venas o se envenenaron. Hubo unos doscientos suicidios (LUIS BERNAL LUMPUY apud UMAPCUBA1965).

Essas formas de resistências eram tão constantes que, como salienta Luis Bernal, havia “especialistas” entre os internos nesses tipos de “cirurgias”. Eles se encontravam por todas as Umaps e em diversos pelotões, como no agrupamento de José Caballero Blanco um deles era chamado de

el Cirujano, porque se especializó en dar cortes en las piernas con un machete sumamente afilado. Cuando alguien solicitaba sus servicios – bien ocultos entre la alta yerba –, levantaba la pata del pantalón de la pierna contraria a la mano con que usaba el machete. El Cirujano apoyaba su “bisturí” en ángulo sobre la pierna y con una lima le daba un golpe encima, causando el corte deseado. El “paciente” tenía que ser valiente y aguantar el “tratamiento”. Luego se cortaba la tela del pantalón y esa área se embarraba con la sangre de la herida. Por último, el accidentado llamaba al cabo para que este autorizara llevarlo a la enfermería (CABALLERO BLANCO, 2013, p.57).

Luis Bernal assinala que tal técnica, mesmo que eficiente, produzia, às vezes, efeitos irreversíveis: “*Muchos quedaron con la mano inutilizada para siempre*”. Contudo, o procedimento, além de proporcionar uma “folga” aos internos, rendia-lhes algum dinheiro.⁷

⁷ Héctor Santiago, em entrevista ao *Cubaencuentro*, explica que, dependendo do ferimento, ganhava-se, como compensação, dinheiro, cigarro etc.: “Bueno, pues un machetazo superficial en la mano: una caja de cigarros y 10 pesos. Cortándote un tendón del dedo: 20 pesos, una libra de azúcar y otra de gofio. Varios tendones de los dedos de los pies o un corte en la rodilla: 40 pesos, dos cajas de cigarro, una toalla, una sábana y unos cuantos jabones”. SANTIAGO, Héctor apud VIERA, Félix Luis).

Simultaneamente, promovia-se a desaceleração da produção, o que implicava, no fundo, contra as Umaps. José Caballero Blanco se refere às operações tartaruga:

Como aquellos jóvenes no podían negarse a ir al campo bajo pena de más maltratos, entonces trabajaban lentamente. A eso se le denomina 'paso de jicotea', una forma de protesta que consiste en bajar el ritmo de trabajo de manera tal que la producción se vea afectada (CABALLERO BLANCO, 2013, p.69).

Porém, como isso afetava diretamente a produção, eles sofriam consequências: “*En ocasiones, dependiendo de las órdenes del teniente, si no sacábamos la norma antes de la hora de almuerzo, nos mantenían trabajando en el campo sin ir al campamento hasta la tarde, a la caída del sol*” (CABALLERO BLANCO, 2013, p.57).

Embora as Umaps sejam sempre apontadas como um lugar no qual os confinados só apanhavam, tal observação não procede. Eles deram muitas demonstrações de que não eram completamente submissos o poder estatal. O jogo do poder que se desenrolava nesses recintos envolvia agressões e reações. Veja-se o depoimento do ex-umapiano Raimundo Jorge Martínez:

Hubo discusiones serias entre custodios y reclusos. Recuerdo a uno que le decían Eleggua. Se negó a trabajar un día por sentirse enfermo. El teniente lo amenazó y golpeó. El muchacho sacó un machete que tenía escondido y lo descargó contra brazos y piernas del militar. A Eleggua lo llevaron preso a Camagüey. Le celebraron juicio sumario, fue condenado a muerte y fusilado. El carcelero quedó discapacitado (RAIMUNDO JORGE MARTÍNEZ apud VERDADES OFENDEN).

Em outro momento, conforme Caballero Blanco, em um treinamento com rifles, um interno de seu grupo tentou acertar um sargento, atitude vista com bons olhos pelo escritor:

Nos encontrábamos a una distancia de 100 metros de las mismas y como a 200 del camino, a un nivel más elevado de estas. El acance efectivo de esos rifles era como de 400 metros. Antes de dar la voz de fuego, avisaban a los sargentos para detener el tránsito, colocándose ellos en medio del camino y a los extremos de las líneas de tiradores. Al parecer en el instante que nuestra fila recibió la orden de disparar, alguien supuestamente erró el blanco y disparo dos veces en dirección al sargento Perdigón, quien tuvo que tirarse a tierra al sentir el silbido de las balas. Con tantos rifles disparando a la vez fue imposible determinar quien tuvo la genial idea (CABALLERO BLANCO, 2013, p.27).

Essas passagens atestam que os reclusos, como seres humanos, não continham, em determinadas situações, seus ataques de raiva, por não aceitarem de cabeça baixa os desrespeitos que lhes eram impostos, a despeito de viverem cercados por ameaças físicas e psicológicas. Héctor Santiago recorda como os testemunhas de Jeová se recusavam a cantar o hino nacional, jurar a bandeira e empunhar armas para a defesa da Revolução, atos condenados por sua religião. Sempre que o hino era entoado, reproduzia-se a mesma cena:

“El himno nacional. “¡Hijeputas testigos de Jehová! ¿No van a saludar a la bandera?” “¡Mi Patria es Jehová!” “¡No te arranques el monograma!” “¡Solo llevo a Jehová en mi corazón!”. Batazos, puñetazos, bayonetazos, golpes con cadenas, sogas, mangueras. “¡Saluda!” “¡No!”. Más de lo mismo cada mañana (HÉCTOR SANTIAGO apud FÉLIX LUIS VIERA).

Os próprios internos tinham a consciência de que não eram apenas submissos:

Muchos podrán pensar que las Umap se hallaban constituidas por personas que, cual rebaño de carneros, estábamos dispuestos a ser degollados de la forma más sumisa, pero están equivocados de plano. No hubo un solo momento que no buscáramos el modo de manifestar nuestra inconformidad con la suerte que nos quisieron dar, ya fuera con desobediencia o sabotaje. A veces, en la limpia de caña las cortábamos y volvíamos a enterrar, para que pareciera que estaban vivas. Otras, a través de la tea justiciera aplicaba a los campos de caña. O, como en una ocasión, quemando un campamento por completo (CABALLERO BLANCO, 2013, p. 94).

Resistir ia além de protestar, atirar em seus superiores, sabotar a plantação e se automutilar; como mencionamos, a própria sexualidade era usada a favor dos internos, que desenvolviam relações carnavais com os seus guardas e chefes para a posteriori, chantageá-los ou desprestigiá-los:

Es bueno aclarar que algunos oficiales considerados “super machos” y, encargados de la represión en esas unidades “especiales”, fueron removidos de sus puestos, y juzgados penalmente por el Minfar [Ministerio de las Fuerzas Armadas], por haber tenido relaciones sexuales con los reclutas a su cuidado. Los confinados de esas unidades tenían unas armas que usaron con mucha eficacia contra los cuadros de mando: el chantaje y la desmoralización (CABALLERO BLANCO, 2013, p. 75).

Não se sabe ao certo o tipo de julgamento sofrido pelos guardas que mantinham relações sexuais com os internos, se sobre eles começou a pesar algum tipo de repressão que se igualava à dos umapianos, ou se simplesmente foram afastados de seus postos. Fosse como fosse, comportamentos dessa natureza não eram tolerados, e o simples afastamento de seus postos por tal motivo acarretava grande constrangimento perante a sociedade cubana em geral.

Contudo, nem todo relacionamento sexual entre internos e guardas envolvia de resistência ou tentativa de extorsão. Alguns ex-reclusos relataram relações afetivas com os guardas, como foi o caso de Justo Pérez, que assumiu isso abertamente ao escrever uma carta a Héctor Santiago:

¿Cómo tengo que contarte? Imagínate que aquí está Miguel de cabo, mi primer amor desde La Ofelia; estuvimos separados tres meses y pensamos que ya jamás nos veríamos. Cuando llegué aquí y lo veo, no te imaginas que feliz fui, pero ahora imagínate cuál es mi situación frente a estas locas, él que es tan fuerte; tengo que estar aguantándolo todo el día, pues si se lo llevan que vivimos, figúrate. Por otra parte, la guarnición es un gran grupo de bugarrones (JUSTO PÉREZ apud SIERRA MADERO, 2022, p. 198).

Enquanto uns se valiam da sexualidade como um modo de resistência ou viviam amores dentro dessas unidades, outros foram abusados pelo mesmo motivo, como aconteceu com Benjamín de la Torre.⁸ De acordo com Héctor Santiago e Reinaldo García Reina, confinados que viveram no mesmo acampamento de Benjamín, ele se tornou objeto de constantes abusos sexuais pelos guardas, o que resultou em seu suicídio em 11 de outubro de 1968. Detalhe: não se tem notícia se tais agentes da repressão foram presos ou julgados.

O suicídio, para Benjamín de la Torre, tanto quanto para outros presos, era visto como uma forma de libertação, um meio de fuga das Umaps, como fica claro em um de seus poemas: “Wagner, como tú, apetezco la muerte libertadora,/ deseo rugir de dolor y de placer./ Hoy, como nunca, mi sexo es participe de la conmoción de mi espíritu/ y proclamo el terrible y sublime derecho a la fuga” (SIERRA MADERO, 2022, p. 200). Entretanto, na

⁸ Benjamín de la Torre, um dos homossexuais estudados pelos psicólogos das Umaps. Foi para nelas Umaps depois de “una delación de la presidenta del Comité de Defensa de la Revolución (CDR)”. (SIERRA MADERO, p. 198).

visão dos adeptos da Revolução, associava-se o suicídio poderia ser associado a sentimentos como decepção e infelicidade, (quando não a covardia) o que significava que aquele que o cometia não estava feliz e realizado com a Revolução Cubana. Daí qualificarem os suicidas como traidores, uma vez que “*morir por la patria y la Revolución era la única vía políticamente aceita para autodestruirse*”(SIERRA MADERO, 2022, p. 249).

A situação reinante nas Umaps, às voltas com sofrimentos e carências de toda ordem, só poderia, como citado anteriormente, encorajar tentativas de fuga. Prova disso foi a luta dos bailarinos de Alicia Alonso para se livrarem dessas unidades. Por vezes, a “*prima ballerina assoluta*” interveio, usando sua amizade com os irmãos Castro, para que os membros de seu balé fossem libertados, pois “*tenían algo mejor que hacer que estar uniformados, ya que se encontraban en la edad idónea para bailar*”. Afinal, dizia, “*mis bailarines están hechos para bailar y no para cortar caña*” (ALICIA ALONSO apud ISIS WIRTH). De toda maneira, ao que parece, Alicia Alonso procurou ajudar seus bailarinos não por se opor à homofobia, e sim por pensar, em primeiríssimo lugar, nos interesses de sua companhia e nas apresentações internacionais que estavam por vir.

É sabido, todavia, que o caso dos bailarinos de Alicia Alonso não foi uma ocorrência isolada. Houve, naquele período, outros sujeitos que se livraram das Umaps graças à interferência de figuras de destaque nos meios revolucionários. Um ex-interno anônimo narrou como escapou do jugo umapiano, ainda traz que momentaneamente:

Anónimo - 24 de febrero de 2014 - 05:26 – Tengo amigos que fueron recogidos en sus casas, o sus trabajos, o al salir de misa y llevados manu militari para un centro, de donde eran trasladados para Camagüey. En mi caso, debo decir en honor a la verdad que fui citado a unas deprimentes oficinas improvisadas en un campo deportivo ruinoso ya en aquellos años, y allí sometido a un fuerte interrogatorio que comenzó a desesperar a los dos oficiales que hacían de el bueno y el malo (esto lo supe mucho después), pues no acababan de encontrar las razones para que el CDR me denunciara por vagancia, ya que tenía un tratamiento médico riguroso (había sufrido una operación en el cerebro y debía tomar anticonvulsivos) y, claro, mi homosexualidad no era “ostensible” como exigía la ley, sino un discreto amaneramiento que pasaba por una buena educación obtenida en un colegio religioso. “Voy a consultar su caso con el capitán; esperé un momento” y en ese instante le solté en el tono más neutro que pude conseguir: “teniente, descendemos por línea directa de mambises, habrá visto mi apellido; Celia nos dijo que no seríamos molestados”. Me libré de ir a las Umap, pero a los pocos meses fui enviado, a despecho de cualquier alcurnia mambisa, para el SMO, donde casi me vuelvo loco por los malos tratos y los

abusos, que hoy comprendo es propio de cualquier campamento militar de reclutas. De haber sido enviado a las Umap seguramente me habría suicidado (ANÓNIMO apud ANTONIO JOSÉ PONTE).

Percebe-se que, para evitar seu encaminhamento às Umaps, ele lançou mão do prestígio de Celia Sánchez, umas das fundadoras do Movimento 26 de julho na província do Oriente e amiga íntima de Fidel Castro. Isso nos alerta para o fato de que o sistema repressivo cubano não era de todo inflexível. As Umaps, em particular, apesar de todos os pesares, eram permeáveis a intervenções e críticas. No rastro disso, por sinal, ocorreu, em 1968, uma série inumerável de manifestações de intelectuais, tanto em âmbito nacional quanto internacional, o que abreviou o fim dessa experiência que manchou a Revolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos sobre as Unidades Militares de Ajuda a Produção, não devemos pensar que foi somente um lugar criado para a perseguição de homossexuais, religiosos e contrarrevolucionários, no qual esses indivíduos não dispunham de nenhuma forma de resistência/poder. Devemos, contudo, buscar compreender os aspectos que levaram à criação delas, que não giram somente em torno dessas questões e são muito mais complexos. Não é de hoje que as discussões sobre sexualidade em Cuba ganham um foco especial no mundo, principalmente quando falamos sobre as Umaps. Ao nos referirmos a esses acampamentos, os argumentos muitas vezes tendem a se resumir a críticas ao governo revolucionário.

É imprescindível entender como a experiência dos ex-umapianos foi, e como essa perseguição e resistência agiram nos corpos e na vida dos sujeitos, criando narrativas que escanteavam certos trejeitos. As Umaps, respondiam a duas dimensões fundamentais sendo uma social, que vai ajudar de certa forma a propagar estereótipos machistas, que vai colocar como errados aqueles que não se encaixavam, tornando-os sexualmente “desviados”, definindo-os somente por sua maneira de se portar e por seus gestos afeminados. E outra econômica que respondia a necessidade de alavancar a produção de açúcar em Cuba, que se encontrava presa a uma economia açucareira, necessitando também de mão de obra em grande escala para que isso acontecesse.

No entanto, é observável que as Umaps não eram um sistema soberano de poder, visto que ali dentro havia oposição por parte dos internos. Também não eram todos que eram mandados a esses acampamentos, pois muitos se “livraram” das Umaps por conhecer membros influentes do governo revolucionário, o que atesta que nem todos os dirigentes apoiavam as Umaps. Apesar de existir resistência dentro das Umaps, não podemos afirmar que as torturas psicológicas não afetaram esses sujeitos. Muitos homossexuais se negavam a estar no mesmo acampamento que outros mais afeminados, e muitos até se crucificavam por sua sexualidade, não a aceitando.

O fim dessas unidades significou, dentre outras coisas, que a Revolução não era rígida e intransigente. Isso porque, mesmo não sabendo do motivo oficial de seu desmantelamento, as hipóteses levantadas nos mostram que a pressão intelectual, fora e dentro de Cuba, foi fator fundamental para tal ação. Isso expôs, de certa forma, a força que a intelectualidade tinha sobre o governo revolucionário.

Contudo, após seu fechamento, muitos ex-umapianos conseguiram continuar suas vidas dentro da ilha caribenha, conseguindo empregos e se “reintegrando” à sociedade, mesmo que por pouco tempo, enquanto esperavam os papeis para poder sair de Cuba. Outros preferiram sair de imediato da ilha, guardando profunda raiva. Seja como for, o que se pode colocar de concreto sobre essas unidades é que elas não foram criadas declaradamente como prisões somente para homossexuais ou só com o intuito de tirá-los das ruas, como ocorreu em outros lugares, elas também tinham um papel econômico. Isso não significa dizer que todo o horror ocorrido dentro delas pode ser justificado com tal argumento. Dentro delas, muitos sofreram abusos físicos e psicológicos, que os levaram ao suicídio, mutilação e descontentamento com a Revolução.

Assim, torna-se claro que ao analisar esses acampamentos, não se pode deixar de contextualizá-los, isso porque o cenário cubano se alterou bastante, principalmente quando falamos sobre os homossexuais. Cuba aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2022, e tem criado cada vez mais políticas públicas para acabar com a homofobia, como é o caso do Cenesex. Atualmente, está longe de ser um paraíso para indivíduos LGBTQIA+, mas é bem diferente da Cuba em que as Umaps foram instituídas.

A rememoração das Umaps pode ter tido grande impacto na construção dos direitos LGBTQIA+ na ilha, o que pode ter até mesmo ajudado na modificação do *Código de las Familias*, já que a reivindicação dessa memória significou muitas vezes um ato de resistência

para que aquilo não voltasse a ocorrer. Ademais, a memória desses locais tem surgido cada vez mais como um grito de resistência e de mudança, o que contribui para a construção de uma Cuba menos homofóbica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Os desafinados**: sambas e bambas no “Estado Novo”. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015.

_____. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Introdução às Ciências Sociais**. 17. ed. Campinas: Papirus, 2010.

CABALLERO BLANCO, José. **Umap**: una muerte a plazos. S./l.: Dhar Services, 2003.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, para comemorar o VI aniversario del asalto ao palácio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de Havana, el 13 de marzo de 1963.* Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/fl30363e.html>>.

_____. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoración del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1966.*

Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/fl30366e.html>>.

CHAUI, Marilena. A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. **I Conferência Brasileira de Educação**, São Paulo, 31 mar. 1980.

DE LA TORRE MOLINA, Carolina. **Benjamin**: cuando morir es más sensato que esperar. Madrid: Verbum, 2018.

GREEN, James Naylor. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18 e19, Campinas, 2003.

RESOLUÇÕES do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: Livramento, 1980.

SIERRA MADERO, Abel. **Del otro lado del espejo: la sexualidad en la construcción de la nación cubana**. La Habana: Casa de las Américas, 2006.

_____. **El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)**. Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

_____. e GUERRA, Lillian. "Lo de las Umaps fue un trabajo "top secret": entrevista a la Dra. María Elena Solé Arrondo. **Cuban Studies**, 44, Pittsburgh, 2016. <https://doi.org/10.1353/cub.2016.0026>

SUÁREZ, Yoe. **La Umap de Valentín**. Disponível em <https://revistaelestornado.com/_trashed/>.

TAHBAZ, Joseph. **Demystifying las Umap: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba**. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/items/67eb987d-d6cb-43be-b6ef-4579136d8213/>>.

OCANHA, Rafael Freitas. Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da contravenção penal de vadiagem (1976-1977). **Anais eletrônicos do XXIII Encontro Regional de História da Anpuh-SP**, Assis, 2016.

Blogs

14YMEDIO. Disponível em <<https://www.14ymedio.com/>>.

BERNAK LUMPUY, Luis *apud UmapCuba1965*. Testemonios – Verdad Oculta. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/verdad-oculta/>>.

CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. Entrevista concedida a **Opera Mundi**. 2 fev. 2013. Disponível em

<<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>.

CENTRO Nacional de Educación Sexual (Cenesex). Disponível em <<https://www.cenesex.org.>>.

DIARIO de Cuba. Disponível em <<https://www.diariodecuba.com/>>.

_____. La Unión de Jóvenes Comunista y la devaluación de su militancia. Disponível em <https://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/Union-Jovenes-Comunista-devaluacion-militancia_7_1975072474.html>.

GARCÍA FRANCO, Raymundo *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>.

GARCÍA, MARTINEZ, Francisco. Disponível em <<https://www.umapcuba1965.wprdpres.com/asociacion-2/>>.

GENERACIÓN Y. Disponível em <<https://www.14ymedio.com/blogs/generacion-y>>.

LEVINO, José. *Celia Sánchez: a flor mais autóctone da revolução. A verdade*. Disponível em <<https://averdade.org.br/2011/09/celia-sanchez-a-flor-mais-autoctone-da-revolucao/>>.

MARTÍNEZ, Raimundo Jorge *apud Verdades Ofenden: Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro*. Disponível em <<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>.

PÉREZ, Justo [carta de Justo Pérez a Héctor Santiago, 18 nov. de 1966]. Héctor Santiago Papers, *Cuban Heritage Collection*, University of Miami, *apud* SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959- 1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

SIERRA MADERO, Abel. *Academias para producir machos en Cuba*. Disponível em <<https://letraslibres.com/politica/academias-para-producir-machos-en-cuba>>.

_____. *Del hombre nuevo al travestismo de Estado*. Disponível em <http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1390513833_6826.html/>.

SUÁREZ, Yoe. Yoe Suárez-Cuba. Disponível Em <<https://www.cswusa.org/yoesuarez/>>.

UMAPCUBA1965. 2007-2021. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/about/>>.

_____. Acto 50 Aniversario [de la Umap]. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/5185-2/>>.

_____. Kiko Oliveira. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/kiko-oliveira/>>.

_____. Manuel Zayas – Nueva York. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2013/05/31/manuel-zayas-nueva-york/>>.

VERDADES *Ofenden: Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro*. Disponível em <<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>.

VIERA, Felix Luis. *Los horrores de la Umap*. Disponível em <<https://www.elblogdemontaner.com/los-horrores-de-la-umap/>>.

WIRTH, Isis. Alicia y las Umap. Disponível em <http://archivo.diariodecuba.com/cultura/1364763335_2560.html/>.

ZÁS IRIGOYEN, Juan Antonio *apud UmapCuba1965*. Testemonios – Verdad Oculta. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/verdad-oculta/>>.

Filmes/documentário

Mauvaise conduite. Direção: Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Coprodução: Margaret Menegoz, Barbet Shroeder e Michel Tholouze. França: Antenne 2 e Les Films du Losange, 1984.

Artigo recebido em setembro de 2025. Aprovado em dezembro de 2025.